



ARCO DO CAMINHO DE FERRO DE LESTE.

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPON

ARCO DO CAMINHO DE FERRO DE LESTE.

Já n'este semanario apresentamos as vistas prespectivas da solemnidade com que se inaugurou o caminho de ferro de leste. Hoje damos o desenho do arco da mesma via ferrea, no sitio de Xabregas, no ponto que o railway se inclina a seguir por terra dentro, afastando-se da beira do rio.

Como se vê, o dito arco é de forma elegante, e está construido com a solidez que comporta a obras d'esta natureza. O objecto não carece de mais longa descripção.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

Continuação

III.

Do que o capitão Francisco de Ornellas passou na cidade, e de como tornou para a Praia, e do mais que entre nós passou.

A segunda feira 8 de Janeiro do anno de 1641 foi o dito capitão amanhecer na cidade, e, conforme depois de tornar me praticou, foi ter a casa de João de Espinola, parente de sua mulher, de quem para este negocio fez eleição; e por sua ordem se deu aviso aos dois, para que trazia as cartas, se quizessem ajuntar com elle n'aquella casa, significando a cada qual o negocio que era, e como trazia carta de sua magestade para lhes dar; mas Agostinho Borges de Souza nunca se quiz ajuntar com elles, indo-se para a sua quinta no tempo em que se havia de ver com elles; o que sabido pelo bom do fidalgo, temendo-se de que elle avisaria ao castelhano, usou da segunda ordem que trazia, mandando chamar ao alferes do castello D. Pedro Ortis de Mello, e dar-lhe conta do que havia, e grandes mercês que sua magestade, que Deus guarde, ao governador, seu tenente, e a elle alferes, mandava prometter, se de pacifico lhe quizessem entregar o castello, a cumprimento das quaes elle, pelo poder que trazia, empenharia a palavra real. Com este recado foi o alferes ao governador, o qual ficou perturbado e o alferes com elle, que logo disse ao dito capitão, que aquillo não podia ter effeito, nem elle d'aquelle modo o havia de praticar ao governador; que logo com os seus assentou que o dito capitão se fosse prender a casa onde estava, em amanhecendo: mas o dito capitão, temendo-se de que lhe podia succeder, muito de madrugada se partiu para a Praia, aonde chegou a dez do mez, onde no mesmo dia lhe chegou aviso de como os castelhanos pela manhã armados os foram buscar a casa do Espinola, e achando que era partido de madrugada foram até S. Bento, e não o achando se tornaram para o castello; donde o castelhano lhe escreveu uma carta, em que

lhe pedia se fosse ver com elle, que indo-o visitar o não achara, e como não tinha cartas de sua magestade queria saber novas de sua mercê; e outras palavras tão dissimuladas como estas, que todas a seu caso faziam, não se dando por achado em que era sabedor de novidade alguma.

Chegado o fidalgo á Praia me foi buscar, e deu conta de seu ruim successo, que eu lhe tinha bem prognosticado. Depois de muitas practicas que entre nós houve, sobre a segurança de sua pessoa, lhe disse: « Senhor pois Deus lhe « fez mercê de o pôr em sua casa, não torne á « cidade, não se fie do castelhano: use de toda a « dissimulação, com elle; que Deus, nos fará « mercê. E pois elle está certificado do que « ha, e por esta villa anda já o rumor sem certeza, parece bem fazermos o que a vossa mercê já « tenho dito, e levantarmos a voz de sua magestade; ou pelo menos faça-o vossa mercê saber aos senhores capitães d'esta villa, em particular ao capitão Melchior Machado de Lemos, « que é declarado portuguez; para que assim « os tenha consigo; porque se o castelhano o « quizer cá mandar prender tenhamos com que « lhe fazer rosto; e eu irei á cidade, e verei como « lá estão as coisas, e de tudo avisarei a vossa « mercê. »

Chegando á cidade comecei a disfarçar a voz que entre todos andava, porque o castelhano logo veio á camara, e pediu provimento para o castello, levando de S. Sebastião toda a polvora que n'elle estava. E cada um dos portuguezes se chegavam a elle e o applaudiam, e elle com nenhum se declarava, dizendo que não tinha cartas de sua magestade, mas que pelas novas de guerra que pela ilha andavam, lhe era necessario prover-se de tudo, o que com larga e liberal mão lhe deu assim o feitor Pedro Laguar como o provedor da fazenda Agostinho Borges de Souza, que sempre lhe assistiu, e em nada lhe faltou. Se era por corresponder com a obrigação de seu officio, por mais não poder, ou se por ser mais castelhano que portuguez, Deus o julgará, que a voz do povo sempre o culpou, n'aquelles primeiros tempos pela bocca pequena, e depois do castello sitiado com mil boccas, buscando-o com outras tantas mãos para lhe tirarem a vida. Mas elle foi tão prudente, que se soube occultar até passar o primeiro impeto, e furor do povo; e depois que se descobriu e appareceu, dando suas razões se mostrou grande servidor d'el-rei nosso senhor D. João IV, que Deus guarde.

De toda esta inquietação avisei ao capitão, dizendo-lhe que tudo estava arruinado, que tivesse grande cautella em sua pessoa, e que eu iria logo e contaria a sua mercê o que o papel não consentia. A onze do mesmo fui á Praia aonde com todas as forças persuadi ao dito capitão que dessemos conta á camara, e se abrisse a carta do corregedor, porque toda a gente estava deseiosa de saber a certeza d'aquelle ru-

mor que andava, e que levantada a voz os havíamos ter comnosco, e que melhor era pelejar com o castelhano antes de provido, do que depois de o estar: que bem se via que todo aquelle provimento que o castelhano fazia era contra nós. Deu-me a tudo a mesma escusa, temendo-se de o não effectuar, e que a effectuar-se dar-se el-rei por mal servido, por exceder sua ordem. Este escrupulo lhe quiz tirar, com dizer: «Senhor, quando el-rei nosso senhor lhe «diz, que depois de rendido o castello estenda «sua voz, suppõe se tome o castello pela traça, «e segredo da ordem; mas depois do segredo «roto, e o castelhano certificado, por vossa mercê «cê haver usado da segunda traça, e a ilha a «risco de perder, e ficar por Castella, e nós, os «que somos conhecidos por portuguezes, todos «perdidos, ha de estimar muito sua aclamação, «e que o castello se tomê seja como fôr.» A isto me respondeu como d'antes, temeroso sempre de não acertar, e ser-lhe tudo mal tomado, e as cousas não obrigarem ainda a muito, por estarem ainda verdes; mas a todos atormentava o provimento que ao castelhano viam fazer.

Por ultima resolução tomou o dito capitão n'esta occasião, vendo quão arriscado estava e impossibilitado e frustrado da ordem que trazia, tornar-se para o reino, assim por assegurar sua pessoa, como por avisar sua magestade do que passava; o que eu lhe approvei, visto não querer levantassemos a voz, e me offereci para o acompanhar, o que elle me agradeceu e estimou. E não conseguiu esta facção effeito por falta de embarcação, e elle com dissimulação e segredo, que sempre guardou por não alterar a gente mais de que andava, foi respondendo ao castelhano na forma que melhor lhe parecia, e n'este meio tempo lhe fez certo autor o sôneto seguinte:

Que prudencia se viu mais sem igual,
Que consideração mais proporcionada
Pois o muito que sôa faz que é nada,
Proprio d'experimentado general?

Mettido está senhor o cabedal
A pena ou gloria, aos fados destinada;
Vossa reputação mais que empenhada,
Que emfim só em vos cae o bem ou o mal.

Assim que, se em vos, senhor, só cae tudo,
Fiar só de maduro entendimento,
Que o mais (*parce mi domino*) é errar.

Fallai comnosco, aos mais mostrai-vos mudo,
Porque fazei por vós juramento,
Que a vós sómente importa o acertar.

Puz aqui este soneto, porque d'elle se deixa bem ver, quão baralhadas andavam as coisas n'este tempo, porque o castelhano já se declarava, e dava por achado, fazendo assim gente, arguindo de pouco leaes os que se lhe não a che-

gavam, com que todos atemorizava, e o capitão tudo negava, e uns dois criados que com elle vieram, se não diziam claramente o que era sendo de muitos perguntados, reviam como odres de azeite com seus suspiros e outros signaes demonstrativos, que para bons entendedores eram bastantes; e eu sempre, como o capitão, mudo, pelo juramento que lhe prometti e fê que lhe devia, fallando na mesma conformidade que elle, procurando sempre desfazer a conclusão que andava, assim acerca da brevidade com que a caravella se foi, como dos recados que iam e vinham do governador ao capitão, e do capitão ao governador. N'este meio tempo escreveu um certo autor da cidade o soneto que se segue, e resposta que se lhe deu:

Viu-se mor confusão, nem mor enredo?
Isto parece ser coisa de rizo!
Navios ouvi já chamar de aviso,
Mas nunca como este de segredo.

De que servem estes côcos e este medo?
Saia já esse inferno ou paraíso,
Pois deve ser, que o dia de juiso
Já lá chegou, e cá chegará cedo.

Acabem já com seu seutil furado,
Arrebente este estalo; que é que temos
Pois nunca, por Deus, vi tanto callar.

Desencante-se já este encantado,
Pois de avisos mil nunca concebemos,
E um segredo nos veiu emprenhar.

RESPOSTA.

Já sei sabeis mui bem, como discreto,
Conforme a escriptura prognostica,
Que o prudente a mercê de Deus publica,
Mas do rei a tenção fica em secreto:

Aquella estimo, n'esta não me metto,
Em quanto o ceo estrondos pacifica,
Visto já por indicios, que se applica,
As glorias que não cabem n'um soneto.

Mas por respeitar estes extremos,
Não poderei deixar em que não queira
De discursar em meu fraco juiso,

Que em nos não avisar preparemos,
Caravella em callar mexeriqueira;
Com notavel segredo esse é o aviso.

Já por este tempo, como o capitão maior tinha praticado com os capitães da ordenança em segredo, se punham guardas de noite nas estradas da villa, com capa, que serviam como de rondas [que a vigiavam, porque se o castelhano se deliberasse em mandar prender de noite ao capitão maior, como se temia, achasse posta que lhe perguntasse quem eram e a que vinham

E não saiu o pensamento frustrado, porque logo em aquelles primeiros dias vieram uma noite, e achando a ronda, disseram que vinham fallar com o seu cabo, que na villa residio, e os deixaram passar, estranhando-lhes o virem armados. E tornados á cidade deram conta ao governador, de que ficou bem enfadado; e, por mais arguições que fez, com este modo de vigia se foi continuando, até chegar o tempo em que se fizeram publicas, como a diante se dirá.

Continua.

PROGRESSOS DA GEOGRAPHIA NA AMERICA ARCTICA.

Debalde se procurará nas terriveis regiões do norte uma abundante vegetação, e paisagens aprasiveis. A America arctica é, por assim dizer, coberta d'uma eterna camada de neve, havendo apenas aqui e ali algumas enfesadas plantas, que o frio depressa faz seccar; a natureza, cruel madrastra, nenhum fructo saboroso produzahi: e o unico vegetal que lá tem vigor são as arvores resinosas de sombrios ramos. Os dias de doce temperatura não aturam; myriades de insectos saem então dos seus pantanos, e tornam-se tão horrivel flagello do homem, como o são aquelles gélos do inverno.

Figurem-se plainos interminaveis de neve envolvendo-se sob um ceo nevoento; animaes carnivoros, quaes o urso, o lobo, a marta buscando de distancia em distancia o seu sustento no meio d'aquelles gélos; os esquimãos cançados de fadiga conduzindo rebanhos de rénnes, ou saindo das suas miseraveis grutas para se apoderarem da presa, que sua familia espera entre as angustias da fome; siga-se com o pensamento estes infelizes caçadores enterrando-se pela neve, lutando contra feras esfaimadas; assista-se a esses terriveis combates em que o homem alcança o seu nutrimento com perigo da vida, e então se formará idea da existencia dos habitantes do norte; porem ainda assim não se comprehenderá toda a verdade, porque dizem os proprios viajantes que as suas relações são apoucadas a traduzirem o espectáculo dos paizes arcticos.

Entrando, porém, n'uma habitação dos esquimãos, veremos que apesar das suas privações, elles sabem encontrar a felicidade no seio de suas familias. No meio dos instrumentos de pesca— as lanças, os arpões, as redes— as creanças e os cães se disputam os restos e migalhas do sustento. As mulheres e os homens acorados a um canto da habitação, ahi reflexionam sobre os successos do dia seguinte. Uma lampada, alimentada pelo azeite da baléa, ou por um pedaço de gordura de phocas, espalha vacillante claridade por sobre toda a familia, e exhala um cheiro fetido que comtudo não é nauseabundo aos indigenas.

A carne, o sangue, a phoca, os peixes crus, são os principaes alimentos.

Julgar-se-ha talvez que estes povos, tendo assim de lutar contra os elementos, hão de ser unidos entre si; que a natureza devia ser uma barreira sufficiente a oppôr-se ás guerras intestinas; e comtudo os esquimãos por vezes se entregam a combates, que ficam memoraveis pela mais refinada barbaridade. Mães, impellidas pela fome, degolam os filhos para lhes beberem o sangue.

Entre as occupações dos esquimãos deverá citar-se como a mais principal, a pesca, especialmente a da baléa. Fendem o gélo, e apodeiram-se dos peixes com o auxilio de cães; na epoca da pesca das baléas e phocas, lançam-se ás ondas n'uma fragil embarcação, a qual dirigem com summa destreza. A tal embarcação deram nome de *kayak*. O pescador ahi mettido, colloca-se corajosamente pouco distante da presa, e espera valentementé o cetaceo, que não apercebe o seu inimigo.

De ha muito que viajantes europeus tentaram perigosas expedições ao norte da America. Antes das descobertas de Christovão Colombo, os dinamarquezes, em o nono e decimo seculo, visitaram as inhospitas paragens da America septentrional. Estabeleceram colonias na Greelandia, e n'outra região mais meridional, chamada Vinland, ou paiz da vinha virgem. As dissensões intestinas dos estados scandinavos privaram os colonos dos soccorros da mãe patria, e morreram todos.

Tratemos, porém, das descobertas geographicas do decimo nono seculo. A maior parte dos viajantes que exploraram o norte da America, tiveram dois intuitos, um dos quaes ainda se não alcançou positivamente: quizeram estudar ao mesmo tempo o aspecto das regiões arcticas, e procurarem uma passagem noroeste, que permittisse á Europa communicar com a Asia oriental e a Oceania; porém os gélos oppõem barreiras quasi insuperaveis, e se Mac-Clure conseguiu vencer essas difficuldades á força de coragem e paciencia, não se pode comtudo concluir d'ahi que a passagem esteja franca á navegação.

Em 1818, John Ross avançou pelo mar de Bassin com o projecto de procurar a tal passagem noroeste, que se julgava poder servir de laço entre a Europa, e a Asia. Não tardou a encontrar os esquimãos que, por notavel excepção, se mostraram apressados a visitar os estrangeiros. Estes selvagens abordaram o navio, festejaram com danças aquella chegada, e deram aos viajantes quantas demonstrações de prazer lhes foi possivel. Costeando a Greelandia, John Ross applicava-se a estudar cuidadosamente aquellas costas, e a rectificar alguns erros dos seus predecessores.

Depressa abandonou as regiões que tinham tido já algumas relações com os europeus, para entrar nos mares, que de certo nunca foram

atravessados por navegantes. Surpresos ficaram aquelles viajantes de encontrar habitantes em latitude tão alta; e os naturaes, por sua parte, não menos se apovöraram vendo o navio inglez. O interprete Sackouse, esquimão intelligente, conseguiu, á força de destreza, acalmar-lhes o temor. Este homem merece particular menção: por um facto bem raro em uma nação arctica, abandonara a sua patria e gélos, impellido por um desespero amoroso. Embarcado n'um navio baleeiro, viera a Inglaterra, e não tardou em preferir a Europa civilisada ás frias regiões do norte. Apesar das palavras de Sackouse, os esquimãos por muito tempo estiveram atemorizados á vista de tamanhos prodigios, pedindo aos europeus lhes não fizessem mal, e como mercê que se afastassem do seu paiz. Uma de suas primeiras perguntas foi: — «Que creatura tamanha é esta (o navio)? Acaso vem ella do sol, ou da lua?» Chegados á embarcação mil perguntas fizeram, não querendo acreditar na existencia de povos mais privilegiados do que elles nos dons da natureza: suppunham que toda a terra estava completamente coberta de neves e gélos eternos. Alguns presentes contribuíram a dissipar-lhes o medo; manifestaram então seu extasis puxando-se repetidas vezes o nariz, e vendo os brancos imitar-lhes este gesto mostraram muita satisfação. Tudo surprehendia estes pobres selvagens, que não cessavam de puxar pelo nariz em signal de admiração. Vendo as vélas da embarcação, que eram tecidas d'uma substancia que desconheciam, e olhando para os mastros, mostraram-se espantados de taes maravilhas. Não se podiam convencer de que houvesse terras onde as plantas tomassem tamanhas proporções. Ao primeiro aspecto julgaram que os mastros eram feitos de ossos de baléa.

John Ross não seguiu para oeste a viagem tão auspiciosamente principiada; voltou para a Europa sem descobertas importantes, e não foi calorosamente recebido pelos seus compatriotas, menos sensiveis ás narrativas curiosas, e pittorescos detalhes, do que ao fim pratico que se propunham obter.

No anno seguinte, o seu companheiro Eduardo Parry, fez uma expedição talvez mais fructuosa. Passou o estreito de Lancastre, penetrou na entrada do Principe Regente, descobriu o estreito de Barrow, a ilha Melville, a Georgia septentrional, e outras terras que se chamaram o archipelago Parry. Foi obrigado a passar o inverno no meio dos gélos, na bahia do Hekla. Esta terrivel estação foi assim descripta pelo viajante:

«Divertimo-nos, disse elle, em fazer congelar o mercurio expondo-o a este frio continuo, e a batel-o n'uma bigorna primeiro aquecida em temperatura igual á da atmospherá. Não me parece maleavel n'este estado, e quebra-se depois de duas ou tres martelladas. Declarou-se na nossa visinhança um incendio, e todos nos lançamos á faina de o apagar com a neve; comtudo

o thermometro estava a 44 graus abaixo de zero. Os rostos dos marinheiros, illuminados pelo fogo, apresentavam singular espectaculo. Quasi todos os narizes e todas as faces geladas, ficavam branquissimas cinco minutos depois de expostas ao ar.»

Parry, e o capitão Lyon tiveram frequentes relações com os indigenas, e contam factos quasi prodigiosos sobre o nutrimento e gostos d'estes infelizes habitantes do norte; uma das comidas mais do gosto dos esquimãos é uma mistura de gordura do cetaceo com sangue. O capitão Lyon, querendo agradecer dignamente a dois esquimãos um serviço que lhe fizeram, deu-lhes umas poucas de vélas de sebo, que immediatamente devoraram com mostras de grande contentamento. A mesma gordura que empregam nas suas modestas lampadas, é a que usam no adubo dos alimentos. Um dos viajantes fez involuntariamente a experiencia: tendo o capitão Lyon pedido uma d'essas lampadas, a dona da casa se deu pressa a beber o oleo n'ella contheudo, e limpou o utencilio só com a lingua. N'outra occasião um esquimão, vendo um dos viajantes servir-se de sabão para lavar as mãos, apoderou-se d'este, e ingoliu-o.

Se, em geral, nos esquimãos mostram grande docilidade nas suas relações com os europeus, para com os seus compatriotas são comtudo pouco compassivos: a velhice não gosa entre elles nenhum privilegio; o enfermo não encontra um amigo para o medicar, e a morte bem superficial saudades deixa. Não é raro um marido abandonar a mulher muribunda, e nunca se informar das suas melhoras. A mór parte das vezes abandonam os cadaveres aos cães.

Ao cabo de uma viagem longa e penosa, Parry voltou para Inglaterra, sua patria. Devia comtudo tornar ainda a tornar a ver os gelos do polo, e fornecer á sciencia novos esclarecimentos. No anno de 1827 penetrou nos mares a este da Groelandia, e chegou ate o 82° 45, o ponto mais longiquo aonde chegaram os exploradores do norte.

John Ross, já habituado á fadiga de uma perigosa viagem, partiu em 1829, a bordo do *Victoria* com uma tripulação disposta a afrontar os perigos de longa expedição. Chegaram depressa ao ponto em que pouco tempo antes o capitão Parry fôra obrigado a abandonar o *Fury*. Algumas semanas depois o navio de John Ross estava envolvido nos gelos, e o inverno ia começar. Os pobres viajantes fizeram seus preparativos com extremo ardor, e dentro de poucos dias tiveram as commodidades que se podiam esperar em similhante deserto. Recciando para os seus companheiros o abhorrimto, muitas vezes mais terrivel do que a fadiga, Ross impoz a todos occupaões diarias, e graças á variedade dos trabalhos e distracções, corajosamente se passou o primeiro anno. Os esquimãos da visinhança visitaram os estrangeiros, e depressa se estabeleceu entre elles e os inglezes um

commercio de reciproca benevolencia. Pagavam-se-lhes os serviços dando-lhes objectos de pequeno valor, com que elles ficavam mui contentes. « Que ninguém, diz o capitão Ross, julgue conhecer o verdadeiro preço de um presente, antes de saber com que alegria elles recebiam gratos, uma conta de vidro azul, um botão doirado, ou um pedaço de arco de ferro. »

Em muitas occasiões pôde o capitão apreciar a intelligencia de certos habitantes, e a sua tendencia para as crenças sobrenaturaes. Tendo desaparecido alguns objectos do navio, conseguiu-se que elles fossem restituídos, espalhando-se boato de um poder magico.

O estio ia sobrevir; prepararam-se para precorrer novamente os mares, quando os gelos outra vez se formaram envolvendo o navio, a ponto de não se poder desembaraçar d'elles. Não houve remedio senão cuidar em segunda invernação. Por tres annos foram baldadas as esperanças. Compreender-se-ha a desolação d'estes infelizes, que voltando para a patria as suas vistas, e votos, só descobriam gelos em volta de si! E n'estas extremidades difficis que se pode avaliar quanta coragem existe no coração do homem: poucos se deixaram vencer de tão angustiosa posição, e resolveram-se a abandonar o navio. Breve se fizeram as necessarias provisões, e caminharam do lado da proa do *Fury*, por entre obstaculos que pareceriam insuperaveis, se acaso a vida não fôra um continuo jogo de azar. « Ao deixar o meu navio, diz Ross, soffri uma sensação bem egual áquella que se padece quando uma pessoa se separa de um velho amigo »

Eis pois os viajantes atravessando neves, cortando gelos, e levantando no deserto seu modesto acampamento, lutando com os rigores de um novo inverno. Preveem a occasião em que os viveres lhes vão faltar, e de commun accordo se decidem a embarcar em canoas, e procurar novo paiz. Um grito, porém, vem encher de esperanças os inglezes: — descobre-se no horizonte uma vela! Depressa se lançam as barcas ao mar, os remadores duplicam de ardor. É talvez uma illusão; a vela pôde ser unicamente uma das grandes avalanches de gelo que as correntes arrastam. A decepção é mais cruel do que a espera. Comtudo avançam, e dentro d'alguns instantes poderão estar certificados da verdade. As duvidas desvanecem-se; distinguem enfim que é um navio! Facil é julgar a felicidade d'aquelles desaventurados; mas comprehender-se-ha tambem sua angustia quando vêem affastar-se a unica esperança que tem de salvação! Foi cruel este momento para a gente da equipagem: a idéa da morte, e os tormentos da fome accommettem-lhes a imaginação com todos os horrores. Debalde fazem desesperadores signaes: o navio foge, e prestes vae desaparecer. O vento acalma, porém; o navio pára, a barca avança; é vista; recebem finalmente benevolento acolhimento, e dentro em poucos dias tocam o solo britânico.

O capitão Back, que acompanhara Franklin na primeira viagem, tentou uma expedição aos territorios até então completamente desconhecidos dos europeus. À frente de vinte e quatro homens aventureiros, penetrou nas frias regiões do norte: é seu grande projecto a exploração do *rio do peixe*, que até então se envolvia em impenetraveis mysterios. Back, encontrou entre os indios, guias fieis e intelligentes; apesar dos perigos que teriam desanimado um viajante ordinario, a despeito dos maus prognosticos dos naturaes, que consideravam a expedição como superior ás forças humanas, encontra finalmente o *rio do peixe*, atravessa-o sem accidente, e estuda as suas margens. Sabido é que depois o rio mudou de nome, e tomou o do viajante que primeiro ousou visitá-lo. A relação do capitão Back está cheia de preciosos esclarecimentos. Falla dos mosquitos que combatem incessantemente o viajante durante os curtos calores do estio; e baldado é deitar-se uma pessoa por terra, e n'ella rojar-se, ou cobrir-se com gazes, porque esses insectos conseguem sempre seu fim. « Os nossos rostos, diz elle, escorriam sangue, como se tivessemos sido picados por sanguessugas. As dôres eram tão intensas, que uma especie de vertigem se apoderava de nós, e ficavamos como doidos. »

De 1837 a 1839, MM. Dease e Simpson precorreram as costas septentrionaes da America, e exploraram todo o litoral, excepto um intervallo de seis a sete graus de longitude, entre o rio Back e a quasi ilha Melville. O doutor Rae, á frente d'uma pequena expedição, encarregou-se da descoberta d'este espaço, e conseguiu-o ao cabo de penosos trabalhos.

Já muitos annos antes, Franklin, Hood, e Richardson tinham feito expedições ás margens do Mackenzie, e descobriram grandes territorios.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 5.

Continuação

D. João, 1.^o de 5 reis absolutos, do mesmo nome, foi fundador de 5 egrejas ou conventos: Batalha; Penhalonga; Carnota; S. Francisco de Leiria; N. S. da Oliveira, em Guimaraens. Menos um foram os paços que edificou: Lisboa. Cintra, Santarem, Almeirim. Seu corpo foi trasladado um anno depois da sua morte á Batalha, com uma pompa nunca vista, em cinco estações, sendo recebido em cada uma por um infante. Cinco JJ se lhe referem: era João; cavalleiro da Jarreteira; introduziu o grito de S. Jorge,

nas batalhas; um judeu, astrologo, á sua morte, declarou ser o planeta *Jupiter* desfavoravel ao seu successor D. Duarte, que só um mez reinou, e 5 annos, infeliz nas suas empresas. O resultado de querer tomar Tanger, foi o vencimento dos portuguezes em Africa; e ficar seu irmão D. Fernando, refens dos mouros, em quanto se lhe não entregasse Ceuta. D. Fernando lá morreu generosamente, (commemora-se como martyr, seu dia, aos 5 de junho, mez que segue o 5.º do anno), tendo estado captivo tantos annos quantos os milhares de homens, com que se embarcara. Nas cortes que se fizeram depois desta desastroza expedição, sòmente o arcebispo de Braga se oppòz á entrega de Ceuta, para resgate do infante; e seu voto prevaleceu: assim D. Duarte,

Viu ser captivo o Santo irmão Fernando
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado ao sarraceno se entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não vencesse
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo por que a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este porque a Hespanha não temesse
A captiveiro eterno se convida;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto;
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

D. Affonso 5.º acompanhado de 5: D. João seu filho; D. Fernando, duque de Guimarães; D. João Coutinho, conde de Marialva; D. Alvaro de Castro, conde de Monsanto; D. Henrique de Menezes, conde de Valença; passa á Africa, em 1471, no anno seguinte á tomada de Anafé, deixando o duque de Bragança para conselheiro de sua filha D. Joanna, no regimento do Reino; a qual veio a fallecer n'um convento em Aveiro. Partiram no fim de uma quinzena de Agosto, mez que principia os 5 ultimos do anno. Tomaram Arzila, situada a 50 milhas do estreito de Gibraltar. Fizeram 5000 prisioneiros, entre os quaes estavam 2 mulheres e 2 filhos de Mulei Xequé, 4 pessoas que juntamente com a cidade, foram 5 grandes aquisições para as armas de Affonso 5.º. As duas mulheres e um dos filhos do Xequé, foram trocados pelo corpo de D. Fernando, a quem os mouros tinham erigido um tumulo. Foi levado o corpo do Santo Principe ao convento da Batalha, com grande pompa. Quanto ao outro filho do Xequé, trazido para Portugal e mandado educar, depois foi restituído gratuitamente a seu pae. Chamavam-lhe os mouros, Mahomé, o portuguez.

Os condes de Marialva e Monsanto morreram combatendo nesta empresa. A tomada de Arzi-

la, trouxe a queda de Tanger; e em consequencia, a posse de cinco cidades: Ceuta, Fez, Anafé, Arzela, e Tanger; pertencendo a gloria desta ultima das 5, a D. Affonso V, que se ficou chamando Africano, e accrescentou ao ditado de seus predecessores, o titulo de Senhor dos Algarves d'aquem e d'alem mar:

Maravilhas em armas estremadas
E de escriptura dignas, elegante.
Fizeram cavalleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama portugueza.

Ultimos 5 actos de D. João II: 1.º, por uma caravella que uns corsarios francezes tomaram, mandou arrestar os navios daquella nação que se achavam no porto de Lisboa; e o mesmo ordenou o seu almirante Vasco da Gama que fosse fazer aos que estavam nos portos do Algarve: provendo logo Carlos, rei de França, que fosse restituída a caravella: 2.º permittiu refugio aos judeus, que expulsavam de seus dominios os reis catholicos: 3.º, mandou levantar dois fortes — um, em Cascaes, outro, em Caparica, para defenderem a entrada do Tejo: 4.º Taxando em Evora a 30 reis o alqueire de trigo, e não querendo os atravessadores vendel-o pela taxa, mandou franquear aos estrangeiros os direitos da entrada para haver fartura: 5.º Recebeu com muita bondade a Colombo, que voltando da America, teve de entrar em Lisboa.

D. João II. falleceu a 25 de outubro de 1495, com 40 annos de idade, tendo reinado 14. Antes de morrer declarou seu filho D. Jorge, duque de Coimbra, e lhe deu as terras do duque regente D. Pedro, que fôra daquelle titulo.

Em 1504, D. João de Menezes entra á força no porto de Larache em Africa. Ha fortes tremores de terra em Portugal; nasce a infanta D. Beatriz. Vae n'uma frota para a India D. Francisco de Almeida. Representam-se em 1505, nos Paços da Ribeira as comedias de Gil Vicente. Volta da India Duarte Pacheco; recebe a capitania de S. Jorge de Mina; e lança-o a inveja nos ferros.

A infanta D. Isabel, filha de D. Manuel, casou em 1525, com o imperador Carlos V, levando de dote 900\$ cruzados.

D. João III, reformou a universidade de Coimbra em 1555: anno em que o imperador Carlos V abdicou o governo de seus estados, e em que falleceu em Portugal o infante D. Luiz, delicias deste reino. Falleceu D. João de apoplexia no dia que se seguiu a 2 vezes 5 de julho de 1557, com 55 annos de idade, havendo reinado 35. Foi sepultado em Belem. Tinha D. João III tão boa memoria que estando uma vez em Coimbra, e lendo-se-lhe os nomes de todos os estudantes os conservou na memoria, e os foi chamando cada um pelo seu.

Continua.

Quizera odiar-te.

Não fujas, meu anjo,
 Não fujas esquiva,
 Não vês que a minh'alma
 Fizeste captiva.

Dos teus mil encantos,
 Que ostentas formosa
 N'um corpo de fada
 Nas faces de rosa?

Porque é vibraste
 Teu languido olhar
 Em mim que fugia
 Do amor encontrar?

Não vês que perdido
 Por tanto te amar,
 De tudo me esqueço
 Por só me lembrar,

Velando ou dormindo,
 De ti só de ti?
 Porque é que eu de todos
 De tudo fugi?

Não são provas estas
 De amor desvelado;
 Mereço-tê acaso
 O ser condemnado?

Responde, meu anjo;
 Não vês como a dôr
 Soluça em minh'alma
 Nas ancias do amor?

Eu não te buscava,
 Achei-te e perdi-me...
 Acaso no mundo
 Amar será crime?

Será — que me importa?
 Não sentes piedade...
 Mulher em vez d'alma
 Só tens a vaidade!

Amar-me não queres.
 E zombas de mim,
 Rejeitas um foco
 De extremos sem fim!

E eu fico perdido,
 Perdido d'amor
 Por paga de extremos
 Deixaste-me a dôr!

E sabes que soffro,
 E ris dos meus ais,
 Quizera odiar-te
 E adoro-te mais!

1853.

Esta vida que val, que val o mundo
 Aos pobres dos mortaes?
 Ai! que a morte no seu luto profundo
 Nem poupa os animaes!

N'uma casa um bichano o idolo era
 D'um joven coração!
 Tornava respeitada a mansa fera
 A longa duração!

Contrastava co'o *typo da firmeza*;
 Companheiro era seu,
 Um nedio de gordura — outro magreza,
 O gato e o cão viveu!

Mas a sorte que assim ligado os tinha
 Lhes deu separação,
 E em lagrimas eu vejo uma almasinha,
 De lucto o coração.

Era *desesperada* a côr do gato
 A finar-se na dôr,
 Morreu pois sem fazer espalhafato
 O magro miador.

Consola-te: — O miserrimo bichano
 Consola-se de mais,
 Sabendo do teu pranto mais que humano
 Ouvindo esses teus ais!

Os teus prantos são, donzella
 Um epitaphio de dôr:
 Consolo são taes suspiros
 Como são prova de amor!
 O animal é morto agora,
 Tua acerba dôr minora
 Porque elle em descanso jaz,
 Não lhe foi a vida breve,
 Hade ser-lhe a terra leve...
 Magro o corpo dorme em paz.

1854.

Publicaram-se os *Canticos de José da Silva Mendes Leal Junior*. É um livro de poesias selectas, contendo mais de 400 paginas, em 8.º francez. Vende-se por 720 réis no armazem de livros do editor, A. J. F. Lopes, rua do Ouro n.º 227 e 228 (antiga numeração); no Porto, em casa de Cruz Coutinho; e no Brazil em casa dos correspondentes do Panorama, bem como todas as obras de que o mesmo é editor.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguém julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.